

A PSICANÁLISE DOS DESENHOS DOS PSICOPATAS

DR. DURVAL MARCONDES

Psiquiatra do Serviço de Higiene e Educação Sanitária Escolar

A compreensão psicanalítica das psicoses teve início com os trabalhos da escola de Zurich publicados a partir de 1906. Já em 1894 (1) Freud chamara a atenção para o mecanismo psicológico das psicoses—e em 1896 (2) estudara um caso de demência paranóide, estabelecendo desde então que a forma dos sintomas é determinada pela natureza das idéias inconscientes. Mas foram os trabalhos da escola de Zurich, sobretudo os de Jung (3 e 4) que abriram o estudo sistemático da questão. Analisando exaustivamente as manifestações sintomáticas de uma das psicoses mais freqüentes, a esquizofrenia, chegou Jung a interessantes resultados, em que avultam as seguintes conclusões: 1). Os sintomas mentais têm um sentido, isto é, são compreensíveis quando observados do ponto de vista da história do indivíduo. 2). São, como mostrara Freud para os sonhos e as neuroses, a expressão de desejos insatisfeitos, que buscam dêsse modo uma forma especial de satisfação.

A doença mental deixava, assim, de ser uma produção caótica, criada ao sabor do acaso, e a vida psíquica dos enfermos perdia aquele caráter de recinto misterioso, vedado ao conhecimento do resto dos mortais.

Essas idéias abriram novo rumo às pesquisas psicanalíticas e os estudos que se seguiram vieram ampliar e completar as afirmações iniciais. A psicose passou a ser compreendida, em seu aspecto psicológico, como a expressão de uma luta entre os impulsos do indivíduo e a limitação que lhes é imposta pelas exigências da realidade exterior. Alargou-se a concepção freudiana do sonho e da neurose: a noção do conflito psíquico encontrou novo campo de observação.

O conceito unitário que êsses estudos permitiram formar do conjunto psíquico dos indivíduos normais e dos psicopatas estabeleceu os principais caracteres comuns às manifestações estéticas e psicopatológicas.

Em primeiro lugar, há, em ambos os fenômenos, uma satisfação vicariante de impulsos instintivos regeitados pelas instâncias superiores do psiquismo. Êsses impulsos, cuja significação original permanece inconsciente, derivam sua carga energética através dos sintomas, no caso do enfêrmo, e da criação estética, no caso do artista.

Em segundo lugar, há um acentuado grau de subjetivismo: no enfêrmo e no artista existe certa renúncia quanto à satisfação dêsses impulsos no mundo exterior. Ambos fogem à realidade penosa e mergulham no mundo interno da fantasia, que lhes permite uma liberdade instintiva mais ampla. Em oposição à

realidade material, é a realidade psíquica que neles exerce o papel preponderante. Existe aquilo que foi chamado por Bleuler "autismo", isto é, desvalorização do mundo exterior em favor das representações ligadas aos desejos individuais. Sintoma e obra de arte são criações imaginárias, que compensam até certo ponto, as restrições da vida real.

O terceiro caráter comum é o primitivismo psíquico que ambos os fenômenos encerram. As tendências derivadas na arte e na moléstia estão impedidas de obter satisfação normal por sua natureza grosseira, em conflito com as exigências culturais da personalidade. São resíduos da evolução psíquica do indivíduo em seu amadurecimento para a vida social. Os processos que permitem seu desfôgo na arte e no sintoma são de feição acentuadamente arcaica, peculiares à região do aparelho psíquico em que se desenvolvem, isto é, o inconciente. Ambas as criações oferecem, portanto, um refúgio no qual o homem civilizado encontra um pouco da antiga liberdade natural que as necessidades da vida coletiva vieram sufocar.

Salientarei aqui, de passagem, a diferença essencial entre a moléstia e a produção artística: enquanto a moléstia é uma criação inútil do ponto de vista social, o artista faz de sua obra uma fonte de prazer para os demais. Traduzindo os mesmos anseios inconcientes dos outros indivíduos e representando-os de forma a dissimular sua origem suspeita, ela proporciona um consôlo para as privações alheias e goza da simpatia geral da humanidade.

Há, na vida psíquica normal, um fenômeno cuja compreensão permite conhecer melhor o mecanismo profundo da arte e da moléstia mental: é o sonho. Segundo a expressão do criador da psicanálise, o sonho é a estrada real para o estudo do inconciente.

Freud já havia mostrado com respeito aos sonhos aquilo que Jung mostrou depois para as psicoses: os sonhos têm sentido. Atrás dos elementos desconexos que aparecem no primeiro plano, ocultam-se outros que, uma vez descobertos, não só dão completo sentido ao sonho como o enquadram perfeitamente na vida psíquica do sonhador. O conteúdo manifesto do sonho, isto é, aquilo que nos aparece ao recordá-lo pela manhã, encobre, portanto, seu verdadeiro sentido, ou conteúdo latente, que só a psicanálise permite esclarecer.

O sonho apresenta os mesmos caracteres já apontados para a criação estética e a moléstia mental: realização de desejos, autismo e arcaísmo psíquico.

Ele encerra uma realização de desejos. Há nele uma satisfação substitutiva de desejos recalçados, isto é, de desejos cuja verdadeira significação se mantém inconciente por se achar em choque com a parte socialmente adaptada da personalidade. Tal satisfação torna-se possível por um complicado processo de deformação que mascara o sentido original do impulso vetado. As imagens do sonho manifesto representam um compromisso entre a idéia recalçada e a sensibilidade moral individual. Nos sonhos de angústia, ou pesadelos, não há deformação, ou

esta é parcial e insuficiente, o que os torna mais próximos de uma satisfação franca dos desejos recalçados. Daí seu acento afetivo desagradável, que leva mesmo às vezes à interrupção do sono.

Pela extrema renúncia da realidade objetiva, o sonho é também uma acen-tuada expressão do autismo. O estado psíquico em que êle se desenvolve, isto é, o sono, constitue um afastamento rítmico e regular do mundo exterior, por meio do qual o indivíduo retrai periòdicamente seu interesse afetivo do ambiente, investindo com êle as fantasias da criação onírica.

O sonho envolve, finalmente, uma regressão psíquica. Suas raízes dinâmicas prendem-se aos mais remotos desejos infantis e sua elaboração reproduz formas caducas de atividade mental. Muito antes de Freud já afirmara Nietzsche que o homem raciocina hoje no sonho como a humanidade raciocinava na vigília há milhares de anos. "O sonho, disse êle, nos conduz a estados longínquos da civilização e nos fornece um recurso para compreendê-los melhor".

Dentre os meios de expressão do inconciente que, como tais, se encontram não sòmente no sonho, mas também na arte e no sintoma, estudarei aquele que é, sem dúvida, o mais interessante e nos proporciona uma visão mais profunda da arte patológica: o símbolo. O símbolo é uma comparação estereotipada peculiar ao inconciente. Seu emprêgo decorre da dificuldade de expressão de uma idéia cuja manifestação direta está inibida, dificuldade essa que é contornada pela volta a uma espécie de língua fundamental há muito abandonada. "Aquilo que hoje se mostra ligado por uma relação simbólica, achava-se unido, em épocas primitivas, por uma identidade de conceito e de expressão verbal" (Freud, 5, pag. 60). Êsse caráter anacrônico do símbolo está bem explanado neste trecho de Rank e Sachs: "Encarada do ponto de vista psicológico, a formação de símbolos vem a ser um fenômeno de regressão, uma volta a certa fase do pensamento concreto que, no homem plenamente civilizado, só se observa com toda nitidez em estados excepcionais, sobretudo naqueles em que a adaptação conciente à realidade se acha restringida, como no êxtase religioso ou artístico, ou parece totalmente abolida, como nos sonhos e nas desordens mentais. A essa concepção psicológica corresponde a função original da identificação; e é essa função, cuja existência é documentada por toda a história da civilização, que forma a base do simbolismo, como meio de adaptação à realidade, meio que se torna supérfluo e adquire a simples significação de um símbolo desde que o fim visado, isto é, a adaptação, foi realizado. E' assim que a simbólica aparece como um resíduo inconciente de meios primitivos, tornados fora de uso, da adaptação à realidade; como uma espécie de armazem de despejo da civilização ao qual o adulto, quando sua capacidade de adaptação sofreu uma diminuição ou qualquer outra vicissitude, recorre de bom grado, para retirar daí seus velhos brinquedos de criança há tanto esquecidos. Aquilo que as gerações mais avançadas só consideram como um símbolo, teve, em fases mais primitivas da evolução mental, um valor e uma signi-

ficação perfeitamente reais. À medida que a humanidade evolue, a significação originária dos símbolos se apaga de mais e mais, sofre mesmo mudanças, embora a linguagem, o folk-lore, etc., tenham por vezes guardado traços mais ou menos evidentes das associações originárias". (Rank e Sachs, citados por E. Jones, 6, pag. 231).

O caráter fundamental do símbolo, que o distingue das outras formas de representação indireta é sua significação inconciente. "Só são símbolos no sentido psicanalítico, diz Ferenczi, as cousas (ou idéias) que na consciência se revestem de uma afetividade inexplicável e infundada; e cuja acentuação afetiva a psicanálise mostra resultar de uma identificação com outra coisa (ou idéia) à qual ela de fato pertence. Nem todas as comparações são, portanto, símbolos, mas unicamente aquelas em que um dos membros da equação está recalçado no inconciente". (7, pag. 277).

Em alguns símbolos, o elemento comum que serve de base à comparação é facilmente reconstituído. Por exemplo: um revólver simbolizando os órgãos genitais masculinos. Em outros casos, porém, o elo associativo permanece mais ou menos obscuro e só se esclarece quando se chega por outros meios ao conhecimento das relações simbólicas. E' assim, por exemplo, o caso do manto, que é igualmente um símbolo fálico, mau grado a aparente falta de conexão entre os dois objetos.

Embora existam símbolos de limitado emprêgo individual, formados particularmente pela pessoa com seu próprio material de representação, êles, em regra, são de difusão universal e se empregam pela maioria dos indivíduos. Há, por conseqüência, símbolos que podem interpretar-se quasi sempre do mesmo modo. Exemplo: os chefes de estado (imperador e imperatriz, rei e rainha, etc.) representam os pais. Outros, no entanto, podem ser usados em mais de um sentido e sua interpretação fica dependendo do contexto ou de outros elementos auxiliares. As variações de significação são, porém, bastante restritas.

A freqüente uniformidade na significação dos símbolos sugere a hipótese de sua origem filogenética. Em face dêsse fenômeno, Jung chega a distinguir duas espécies de inconciente: o inconciente pessoal, que contém o material de representação próprio do indivíduo, e o inconciente impessoal ou coletivo, que encerra os pensamentos mais antigos, gerais e profundos da humanidade. "Em cada indivíduo, diz êle, além das reminiscências pessoais, existem as grandes imagens *primordiais*, como acertadamente as denomina Burkhardt. São possibilidades de humana representação, herdadas na estrutura do cérebro, e que reproduzem remotíssimos modos de ver. O fato dessa herança explica o estranho fenômeno de que certas lendas estejam repetidas por toda a terra em formas idênticas. Explica também porque nossos enfêrmos mentais podem reproduzir exatamente as mesmas imagens e relações que conhecemos pelos textos antigos. . .

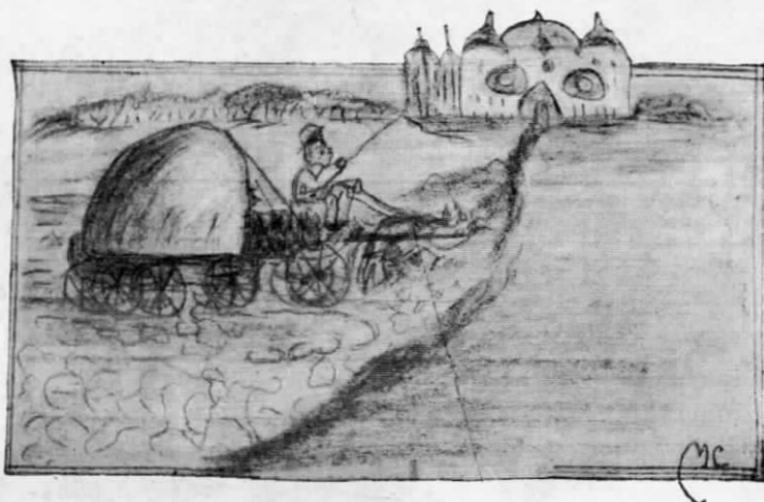


Figura 1
A "catedral dos assombros".

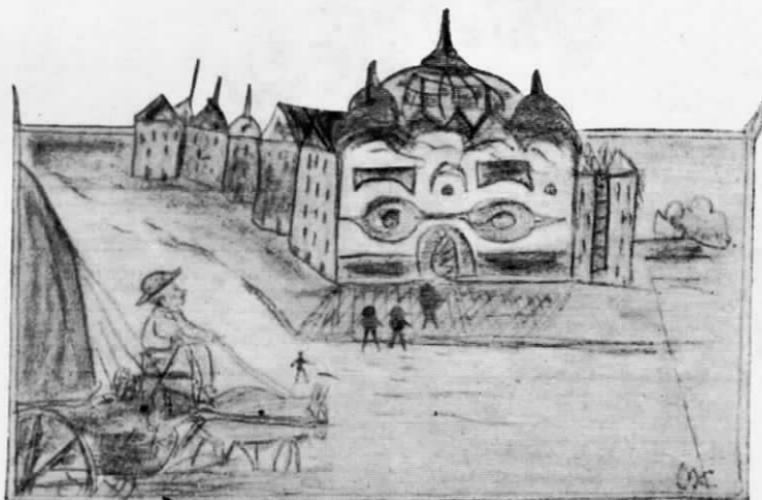


Figura 2
A "catedral dos assombros".



Figura 3
Desenho de um doente de E. Weiss.

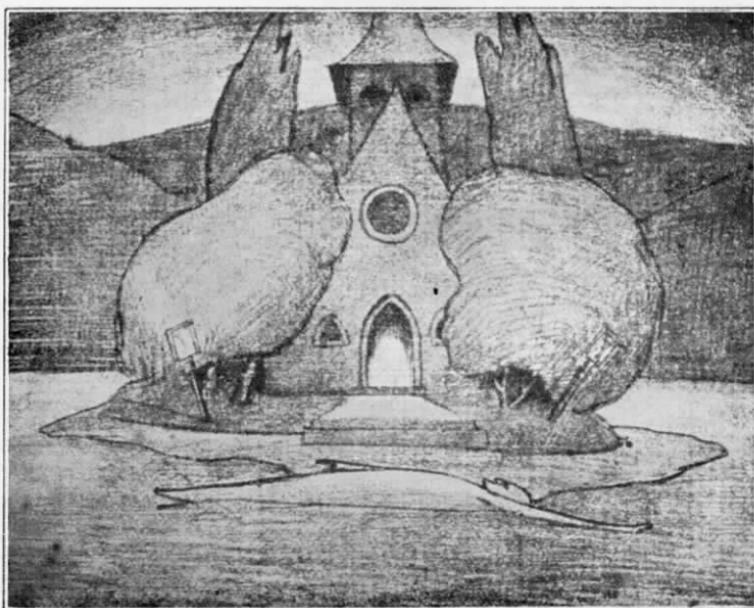


Figura 4
"Requiem". Quadro de um paciente de O. Pfister.

De modo algum afirmo com isso a *herança das representações*, mas apenas a possibilidade da representação, que é cousa muito diferente". (8, pag. 122).

Jones assim se manifesta a êsse respeito: "A curiosa independência das significações dos símbolos desperta, sob forma diversa, a velha questão da herança das idéias. Certos autores, Jung entre outros, pretendem que o simbolismo antropológico seja herdado como tal e explicam dêsse modo seu caráter estereotipado. Por motivos que expús alhures, acho, ao contrário, que o simbolismo é criado novamente à custa do material individual e que a estereotipia depende da uniformidade do espírito humano em face das tendências particulares que formam a fonte do simbolismo, isto é, da uniformidade dos interesses fundamentais e permanentes da humanidade (E. Jones, cit. em 9, pag. 349).

De qualquer forma, a significação de um determinado símbolo tem, em regra, larga difusão e, além de encontrar-se nos sonhos, na arte e na psicopatologia, ela aparece ainda nas manifestações do inconciente popular (mitos, lendas, etc.). Exemplo: a emasculação é muitas vezes representada no sonho pela privação da função visual (o olho é um símbolo fálico muito freqüente). A mesma idéia pode tomar, na neurose, o aspecto de uma fobia da cegueira e, na narração lendária, o de um arrancamento do globo ocular, como na lenda do rei Édipo.

Em contraste com a grande quantidade de símbolos usados, as idéias por êles representadas são muito reduzidas. Daí o fato de uma só idéia poder exprimir-se por larga variedade de símbolos. Tem, de modo geral, representação simbólica, o corpo humano (em seu conjunto), as pessoas da família (pai, mãe e irmãos), o nascimento, a morte e principalmente tudo que se relaciona com a vida sexual (órgãos genitais, cópula, nudez, etc.). São, como se vê, idéias que se prendem aos interesses mais primitivos da espécie humana. A maior parte dos símbolos refere-se à sexualidade, sendo particularmente numerosos os que representam o órgão masculino. A predominância dos símbolos de significação sexual se explica pelo fato de que as idéias ligadas ao instinto de reprodução formam a maioria das idéias recalçadas, achando-se, portanto, mais aptas que quaisquer outras para a expressão indireta.

Como a análise demorada dos desenhos dos psicopatas escapa aos estreitos limites dêste trabalho, exporei rapidamente, com simples intuito ilustrativo, um exemplo de expressão simbólica nesse gênero de manifestação artística.

Começarei pelos desenhos produzidos por um esquizofrênico de 20 anos, cujo material devo à amabilidade do Prof. E. Vampré. Êsse doente compôs uma novela ilustrada, cheia de figuras coloridas, entre as quais as duas aquí reproduzidas (Figuras 1 e 2). Vê-se nelas uma casa que o doente chamou "catedral dos assombros". Nota-se, desde logo, em ambos os desenhos, que êsse edifício tem o aspecto de uma figura humana. Ora, a experiência psicanalítica nos ensina que a casa é um símbolo do corpo humano. Êsse fato já fôra reconhecido,

no que diz respeito ao sonho, em 1861, pelo filósofo K. A. Scherner, que, segundo a opinião de Freud, deve ser considerado como o verdadeiro descobridor do simbolismo onírico. "As paredes, diz Freud, e os muros lisos, bem como as fachadas pelas quais escorregamos — às vezes com intensa sensação de angústia — correspondem a corpos humanos de pé, e reproduzem, provavelmente, no sonho, a recordação da subida, na infância, pelas pernas dos pais e amas". (5, pag. 64).

Além de representar, de modo geral, o corpo humano, a casa é mais particularmente um símbolo da mulher. "As casas de paredes lisas, escreve Freud, são homens; as que apresentam saliências e balcões aos quais se pode agarrar, são mulheres (10, pag. 210). Freud lembra, a propósito dessa significação das saliências das casas no sonho, a conhecida reflexão que a gente do povo formula ao encontrar uma mulher com seios muito desenvolvidos: "Essa tem onde se pegar". (10, pag. 220). Isso está bem ilustrado no seguinte sonho de um paciente do psicanalista E. Weiss: "Sonhou que se achava perto de uma casa rústica com duas saliências, semelhantes às casas que tivera ocasião de ver na Rússia durante a guerra (V. Figura 3). No sonho êle devia desenhar essa casa. Mas no fim do sonho, a casa tornou-se uma mulher e as saliências transformaram-se nos seios". (11, pag. 38).

Simbolizando o corpo feminino, a casa simboliza mais especialmente a figura materna, pois a mãe é, de todas as mulheres, aquela a que o indivíduo se acha, no terreno afetivo, mais remota e profundamente fixado. Pfister nos relata (12, pag. 389) o caso de um rapaz de 18 anos que êle psicanalisou e cuja produção artística, constituída por várias pinturas e desenhos, é muito interessante a êsse respeito. No quadro "Requiem" (v. figura 4), o edifício da igreja representa a mãe, conforme ficou estabelecido pelas associações produzidas na psicanálise. O corpo que jaz diante da igreja representa o próprio paciente: desejava morrer, e, como cadáver, atrair o amor da mãe que lhe era negado durante a vida. Convém assinalar aqui que a igreja é, em especial, um símbolo feminino.

Qual será a origem dessa significação da casa como símbolo da mulher e, particularmente, da mãe? A resposta se torna mais fácil quando nos lembramos de que a caverna tem a mesma significação simbólica. Conforme assinala Von Sydow (13, pag. 72), a estreita união das casas dos selvagens com a terra exprime a conexão genealógica entre a toca e a casa. Por outro lado, aquilo em que a toca é feita, isto é, a terra, também constitúe um símbolo feminino e materno. "Mãe terra" é uma expressão corrente nas religiões primitivas. Terra, toca e casa formam, como se vê, uma estratificação percorrida outrora pela concepção humana, que faz, ainda hoje, das três cousas, um símbolo do corpo feminino, especialmente do ventre materno.

Von Sydow nos mostra como, por sua morfologia, as habitações construídas pelo homem selvagem se prendem a essa significação. Sua forma redonda ou cônica e sua escassez de aberturas reproduzem de certo modo as condições da

cavidade uterina. Segundo êsse autor, é provável que as construções hemisféricas sejam as mais primitivas e as retangulares representem um grau posterior de evolução. O traçado angular e a diferenciação entre teto e parede constituem já uma aquisição cultural.

O regaço materno é, de fato, o abrigo original, do qual todos ou outros são simples reproduções. O útero é o lugar em que o indivíduo vive, é protegido e aquecido antes do nascimento. Num interessante estudo intitulado "O homem e o ambiente", G. Roheim (14, pag. 162) reúne largo material demopsicológico sôbre o assunto. "O homem primitivo, diz êle, olha inconcientemente o mundo que o envolve como um segundo ventre, e sua percepção inconciente do espaço é baseada na experiência da vida prenatal".

Ao finalizar esta breve dissertação, bem sei que ela não deixa na maioria dos leitores forte convicção sôbre a veracidade dos princípios aquí expostos. Cumpre-me lembrar, a meu favor, que o intuito dêste trabalho é a simples divulgação e de modo algum a documentação. Esta para que seja eficiente, deve ser buscada, em rigor, no trato direto e demorado do material psicanalítico. Aliás, quando criou, a pouco e pouco, os abismos do espírito humano, a natureza não se preocupou em ser convincente. Nós é que devemos nos libertar de nossos preconceitos culturais para poder entendê-la em toda a simplicidade de sua grandeza.

CITAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

- 1 — S. FREUD — Las neuropsicosis de defensa. Obras completas, trad. espanhola, vol. XI, pag. 115.
- 2 — S. FREUD — Nuevas observaciones sobre las neuropsicosis de defensa. Obras completas, trad. espanhola, vol. XI, pag. 236.
- 3 — C. G. JUNG — Ueber die Psychologie der Dementia praecox, 1907.
- 4 — C. G. JUNG — Der Inhalt der Psychose. 1908. 2.^a edição, 1914.
- 5 — S. FREUD — La interpretación de los sueños (parte II). Obras completas, trad. espanhola, vol. VII.
- 6 — E. JONES — Traité théorique et pratique de psychanalyse. Paris. 1925.
- 7 — S. FERENCZI — Sex in Psycho-Analysis (Contributions to Psycho-Analysis). Boston. 1916.
- 8 — C. G. JUNG — Lo inconsciente. Madrid. 1927.
- 9 — NOLAN D. C. LEWIS — Graphic Art Productions in Schizophrenia. Capitulo de: Schizophrenia (Dementia Praecox). Vol. V de: A Series of Research Publications, Association for Research in Nervous & Mental Disease. New York 1928.
- 10 — S. FREUD — Introducción a la psicoanalisis (parte I). Obras completas, trad. espanhola, vol. IV.
- 11 — E. WEISS — Elementi di psicoanalisi. Milano. 1931.
- 12 — O. PFISTER — The Psychoanalytic Method.
- 13 — E. VON SYDOW — Primitive Kunst und Psychoanalyse. 1927.
- 14 — G. ROHEIM — Primitive Man and Environment. Artigo em: The International Journal of Psycho-Analysis, vol. II, part 2. 1921.